



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9758 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT22 - Educação Ambiental

ENUNCIÇÕES SOBRE O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO (MG) NA MÍDIA JORNALÍSTICA: POTÊNCIA PARA PENSAR O REFUGO NA MODERNIDADE

Andresa Silva da Costa Mutz - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

ENUNCIÇÕES SOBRE O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO (MG) NA MÍDIA JORNALÍSTICA: POTÊNCIA PARA PENSAR O REFUGO NA MODERNIDADE[1]

Resumo: Apresento parte dos resultados de uma pesquisa em etapa de conclusão que tem como objetivo mapear as enunciações acerca da natureza no jornal impresso *Zero Hora/RS* e verificar em que medida se relacionam à educação ambiental. Destaco as disputas discursivas em torno do rompimento da Barragem I da Mina Córrego do Feijão (Brumadinho/ MG) ocorrido em 25 de janeiro de 2019. Selecionei 6 edições da publicação como material empírico. Adotei como referencial teórico e metodológico a Análise do Discurso de inspiração foucaultiana. Identifiquei 174 excertos no conjunto das edições selecionadas. Os resultados da investigação enunciam: I) o Brasil como um país que não aprende com as experiências de outras tragédias ambientais do passado; II) a ambivalência como marca distintiva da atividade mineradora - uma vez que oportuniza o crescimento econômico, ao mesmo tempo em que gera grandes danos colaterais; III) a tragédia humana decorrente da catástrofe ambiental. Análiso tais enunciações articulando os conceitos de Catástrofe Ambiental, proposto por Meira-Carrea (2005) e Sociedade de Risco, apresentado por Beck (2011) para refletir sobre o papel do Refugio na Modernidade, conforme Bauman (2005).

Palavras-chave: Tragédia Ambiental; Barragem de Brumadinho; Mídia Jornalística; Estudos Culturais; Educação Ambiental.

Introdução

Com este artigo me inscrevo no escopo de pesquisas do campo da Educação Ambiental que adota como foco investigativo o modo como a mídia brasileira aborda a problemática ambiental sob a perspectiva dos Estudos Culturais em Educação. O objetivo era mapear os ditos postos em circulação no jornal gaúcho *Zero Hora* acerca da natureza, em especial, por ocasião do rompimento de uma barragem de contenção de rejeitos da

mineradora Vale, na região de Brumadinho (MG). Procedi o mapeamento das enunciações relativas ao rompimento em seis edições do jornal *Zero Hora* – edições nº 19.306 (26 e 27/01/2019), 19.307 (28/01/2019), 19.308 (29/01/2019), 19.309 (30/01/2019), 19.310 (31/01/2019) e 19.312 (2 e 3/2/2019). Identifiquei 174 excertos no qual se enunciava o rompimento da barragem. Os resultados indicaram que a mídia jornalística em questão enuncia o Brasil como um país que não aprende com as experiências de outras tragédias ambientais do passado. Também enunciam a ambivalência como marca distintiva da atividade mineradora, uma vez que oportuniza o crescimento econômico, ao mesmo tempo em que gera grandes danos colaterais. E por fim, destaco as enunciações que se concentram em torno dos impactos sociais decorrentes da catástrofe ambiental, nomeada como tragédia humana. Destaco como principal achado desta pesquisa a apresentação de elementos teóricos e empíricos que podem potencializar a discussão no campo da Educação Ambiental - formal ou não formal, acerca do modo de vida contemporâneo marcado pela cultura do consumo e do descarte, a partir da ambivalência representada pela atividade mineradora e materializada na produção e gerenciamento do refugio.

Fundamentação teórica e metodológica

Dialogo com pesquisadores da Educação Ambiental que realizam análises de diferentes artefatos culturais. Focados em campanhas publicitárias, histórias em quadrinhos, filmes de animação, músicas, entre outros (GARRÉ e HENNING, 2017; HENNING, HENNING e GARRÉ, 2015; GARRÉ, VIEIRA e HENNING, 2014; VIEIRA, 2013; HENNING, 2012). Os procedimentos envolvidos nesse tipo de análise cultural, quando de inspiração foucaultiana, implica operarmos com conceitos como discurso, enunciado, enunciação. Paul Veyne (2011) afirma “(...) não podemos pensar qualquer coisa em qualquer momento, pensamos apenas nas fronteiras do discurso do momento. Tudo que acreditamos saber se limita a despeito de nós, não vemos os limites e até mesmo ignoramos que eles existem” (p. 49). Alinhada à Marluce Alves Paraiso (2012), realizei uma descrição dos ditos, pois “a descrição é extremamente importante em nossos modos de pesquisar, (...) é por meio dela que estabelecemos relações dos textos, dos discursos, dos enunciados em suas múltiplas ramificações” (p. 37-38).

Resultados

Foram mapeados 174 excertos nos materiais empíricos analisados. Eles indicam a reverberação do discurso acerca da crise ambiental (GARRÉ e HENNING, 2017) e atualiza a eminência de novas catástrofes, **uma vez que o Brasil como um país que não aprende com as experiências de outras tragédias ambientais do passado**. Mas ao mesmo tempo, as enunciações também se afastam da perspectiva mais individualizante característica do discurso mapeado por Garré e Henning (2017) e apontam para a responsabilização do Estado e de empresas privadas. Pude identificar ao menos 62 excertos desta ordem no *corpus* da pesquisa. Apresento aqui uma amostra destes. A capa do jornal na manhã do dia seguinte ao rompimento da barragem alerta tratar-se de um “pesadelo revivido” (ZH, CAPA, 2019). Na margem inferior dela, a colunista do jornal Rosane de Oliveira opina: “A repetição mostra que nada se aprendeu com Mariana” (ZH, CAPA, 2019). E em um artigo do biólogo Lídio Nunes (2019), vemos a seguinte provocação

Passados três anos do episódio da Samarco, o que foi feito para que não mais ocorressem outras tragédias como essas? Ocorreu, não ali no mesmo local, mas em outro na mesma Minas Gerais. *Não aprenderam?* Esqueceram ou viraram as costas para o sofrimento das famílias que

perderam seus familiares nessas duas tragédias (p.25, grifo meu).

Destaco a seguir, uma amostra do conjunto de outros 59 excertos que enunciam a **ambivalência como marca distintiva da atividade mineradora - uma vez que oportuniza o crescimento econômico, ao mesmo tempo em que gera grandes danos colaterais**. Nesse sentido, chama-nos atenção enunciações que tensionam o imperativo do desenvolvimento sustentável. Como o artigo de um geólogo e analista ambiental, chamado José Wenzel (2019), que indaga “Que sentido tem um desenvolvimento sustentado que provoca morte e devastação?” (p. 21). Na seção intitulada *Comerciantes apreensivos* se enuncia “Brumadinho vive dois dramas: a perda humana e o medo do futuro econômico, já que a população depende da mineração para viver” (UMA..., 2019, p. 22).

O último conjunto de excertos identificados apresentam a **tragédia humana decorrente da catástrofe ambiental**. As notícias do dia seguinte ao ocorrido, davam conta de que pelo menos 150 pessoas já haviam sido declaradas desaparecidas por familiares. Na ocasião, fora ouvido o presidente da Vale Mineradora, Fábio Schvartsman, que afirmou naquele primeiro momento pós-rompimento

(O acidente) nos pegou totalmente de surpresa. Estou dilacerado. Não sabemos o que aconteceu. Tomaremos as medidas necessárias para resolver o problema. Desta vez é uma tragédia humana. Estamos falando de uma quantidade provavelmente grande de vítimas. Não sabemos quantas, mas sabemos que será um grande número (TRAGÉDIA..., 2019, p. 9)

Destaco ainda a triste comparação feita por um comerciante morador de Brumadinho entrevistado durante o trabalho voluntário que realizava junto ao Corpo de Bombeiros. Ele afirma “– Geralmente estão presas à vegetação. Meu trabalho é observar e avisar o pessoal. É como um garimpo, só que, infelizmente, de corpos” (A DIFÍCIL..., 2019, p. 18).

Catástrofe Ambiental, Sociedade de Risco e a questão do Refugo na Modernidade

Inicialmente, pode-se refletir sobre a própria noção de tragédia humana, enunciada nos materiais empíricos. Essa é uma das formas mais recorrentes a que se referem ao incidente nas edições analisadas. Tomo emprestado aqui a análise realizada por Meira-Cartea (2005) sobre uma tragédia ambiental ocorrida em 2002 na Espanha. O autor afirma se tratar de uma catástrofe, afinal “uma **catástrofe ambiental** (...) é uma experiência total e totalizadora *para a comunidade que a padece*. Altera traumáticamente o decorrer normal da vida cotidiana e introduz ao corpo social uma sensação de desproteção, insegurança e vulnerabilidade, cuja natureza é difícil de explicar” (p. 150, grifos meus). É importante lembrar que no cenário nacional o estado de Minas Gerais é conhecido pela atividade de mineração e garimpo. Principalmente a região denominada quadrilátero ferrífero, é conhecida mundialmente, pela extração e beneficiamento do minério de ferro. E ainda, que este não foi o primeiro rompimento de barragem experimentado pelos moradores das Gerais para considerar o impacto social desta catástrofe ambiental.

O que me remete à noção de **Sociedade de Risco** (BECK, 2011), afinal “na modernidade tardia, a produção social da *riqueza* é acompanhada sistematicamente pela produção social de *riscos*” (p. 23, grifos do autor). O caso da mineração é emblemático para se pensar a sociedade de risco. E a repetição das tragédias apontam para um risco maior ainda, afinal “Riscos não se esgotam, contudo, em feitos e danos já ocorridos. Neles, exprime-se sobretudo um componente *futuro*. Este baseia-se em parte na extensão futura

dos danos atualmente previsíveis e em parte numa perda geral da confiança (...) (IDEM, p. 39, grifo do autor). E no caso dessa tragédia, torna-se emblemática também a perspectiva de natureza que marca o fim do século XX. Segundo Beck (2011), em nossos dias

Problemas ambientais *nã*o são problemas do meio *ambiente*, mas problemas completamente – na origem e nos resultados – *sociais, problemas do ser humano*, de sua história, suas condições de vida, de sua relação com o mundo e com a realidade, de sua constituição econômica, cultural e política (p. 99, grifos do autor).

Os casos de rompimentos de barragens de mineração no Brasil “materializa localmente os riscos ecológicos globais produzidos pela modernidade” (MEIRA-CARTEA, 2005, p. 155) e intensificados no estágio mais atual do liberalismo econômico.

O sociólogo Zygmunt Bauman analisou em diferentes obras as marcas do contemporâneo - cultura do consumo, do descarte e da criação no novo e afirmou

A mineração (...) é o epítome da ruptura e da descontinuidade. (...) Preciosos ou de pouco valor, metais puros podem ser obtidos apenas removendo-se a escória e o borralho do minério. E só se pode chegar ao minério removendo-se e depositando-se camada após camada do solo que impede o acesso ao veio – tendo-se primeiro cortado ou queimado a floresta que impedia o acesso ao solo. (...) A crônica da mineração é um túmulo de veios e poços repudiados e abandonados. A mineração é inconcebível sem o *refugo* (BAUMAN, 2005, p. 31, grifo do autor).

Segundo o autor, “o refugo é o segredo sombrio e vergonhoso de toda produção. De preferência permaneceria como segredo” (BAUMAN, 2005, p. 38). Dessa vez, porém, o segredo veio à tona em Minas Gerais. Os danos colaterais do acúmulo de rejeitos na região, foram expostos através da imagem dos corpos sem vida ou de membros humanos retirados da lama tóxica que escorreu pela cidade abaixo. Se “(...) os processos mais sérios que se estabelecem contra a Natureza provêm do próprio conhecimento científico da Natureza e das suas aplicações” (KESSELRING, 2000, p. 155), então, nós – os cientistas, envolvidos com a Educação e, em especial, a Educação Ambiental, precisamos dar visibilidade às disputas discursivas em torno das catástrofes ambientais e humanas que ocorrem, ocorreram e ainda podem vir a ocorrer em função da atividade mineradora. Tal processo pode potencializar nossas ações educativas nas diferentes posições de sujeito que ocupamos em nossa sociedade e (re) pensar nossos modos de vida.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2011.

GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa . Discurso da Crise Ambiental na mídia impressa. *Educação em Revista (ONLINE)*, v. 33, p. 001-020, 2017.

GARRÉ, Bárbara Hess ; VIEIRA, Virgínia T.; HENNING, Paula C. Alerta Global, Fim do Mundo, A Vingança da Natureza?: enunciações da Revista Veja em análise. *Revista Eletrônica do*

Mestrado em Educação Ambiental, v. 1, p. 261-276, 2014.

HENNING, Paula Corrêa. Provocações para este tempo... a educação ambiental e os atravessamentos midiáticos. IN: PREVE, Ana Maria... [et al.] (orgs). *Ecologias inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul: UDENISC, 2012, p. 242-253.

HENNING, Paula Corrêa; HENNING, Clarissa Corrêa; GARRÉ, Bárbara Hees. Educação ambiental e cinema: produções discursivas em tempos líquidos. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; GUIDO, Lucia Estevinho; SCARELI, Giovana (Org.). *Cinema, educação e ambiente*. Uberlândia: EDUFU, 2013.

KESSELRING, Thomas. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. *Revista Episteme*, Porto Alegre, n. 11, p. 153-172, jul./dez. 2000.

MEIRA-CARTEA, Pablo Ángel. A catástrofe do *Prestige*: leituras para a educação ambiental na sociedade global. IN: SATO, Michele e CARVALHO, Isabel Cristina Moura. *Educação ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005. P. 149-176.

PARÁISO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, procedimentos e estratégias analíticas. IN: MEYER, Dagmar E. PARAÍSO Marlucy A. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. P. 23-46.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIEIRA, Virgínia Tavares. *O discurso da crise ambiental nas letras de rock and roll : modos de ser sujeitos em tempos contemporâneos*. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de pósgraduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013

Materiais Empíricos

A DIFÍCIL missão de procurar vítimas na lama . *Zero Hora*, Porto Alegre, ano 55, n. 19.308, p. 18, 29/jan. 2019.

BRUMADINHO: O Brasil pede justiça. *Zero Hora*, Porto Alegre, ano 55, n. 19.307, p. 21, 28/jan. 2019.

CAPA. *Zero Hora*, Porto Alegre, ano 55, n. 19.306, s/n pág., 26 e 27/ jan. 2019.

NOVA tragédia em Minas: nenhum aprendizado. *Zero Hora*, Porto Alegre, ano 55, n. 19.306, p. 12, 26 e 27/ jan. 2019.

NUNES, Lúdio. *Licenciamento Ambiental*. *Zero Hora*, Porto Alegre, ano 55, n. 19.308, p. 25, 29/jan. 2019.

O FATOR ambiental. *Zero Hora*, Porto Alegre, ano 55, n. 19.308, p. 24, 29/jan. 2019.

O PAÍS não aprendeu a lição. *Zero Hora*, Porto Alegre, ano 55, n. 19.307, p. 20, 28/jan. 2019.

TRAGÉDIA repetida. *Zero Hora*, Porto Alegre, ano 55, n. 19.306, p. 8, 26 e 27/ jan. 2019.

UMA cidade que define. *Zero Hora*, Porto Alegre, ano 55, n. 19.309, p. 22, 30/jan. 2019.

WENZEL, José Alberto. *O que faremos antes do próximo desastre? Zero Hora*. Porto Alegre, ano 55, n. 19.307, p. 21, 28/jan. 2019.

[1] A pesquisa da qual deriva este artigo contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq na Chamada MCTIC/ Nº 28/2018 - Universal/Faixa A.